

NARRATIVAS MÍTICAS TEMBÉ POR CURT NIMUENDAJÚ: PERCORRENDO OS CAMINHOS DE UMA ETNOGRAFIA¹

Glaucia Silva dos Santos (UFPA)²

Resumo: O periódico berlinense *Zeitschrift für Ethnologie* publicou, em 1915, o texto *Sagen der Tembé-Indianer (Pará und Maranhão)*, trabalho escrito por Curt Nimuendajú Unckel – um alemão que morava no Brasil desde 1903 e conhecia bem os debates e ações de políticas públicas de proteção das populações ameríndias. A publicação de Nimuendajú é uma etnografia que apresenta dez versões de narrativas míticas coletadas entre os Tembé, resultado do trabalho que cumpriu nas áreas étnicas da região do rio Gurupi (entre os estados do Pará e Maranhão) – expedição vinculada ao Serviço de Proteção aos Índios (SPI) entre os anos de 1914-15. Esta publicação de Nimuendajú é o sujeito da investigação deste artigo. O objetivo é apresentar um percurso da investigação que avança a partir de uma etnografia de documento, o qual se articula uma compreensão relacional entre o artigo *Sagen der Tembé-Indianer* com o que se pode reconstruir do fazer etnográfico de Curt Nimuendajú – considerando sempre as relações acadêmicas que possibilitaram a publicação no *Zeitschrift für Ethnologie*, como também as suas atribuições como indigenista. Para otimizar a coleta dos dados, a metodologia utilizada é de caráter bibliográfico, sobretudo – a que se alinha à *etnografia de documento* – uma proposta que visa entender o fazer etnográfico a partir de vários documentos, considerando tanto a diversidade das espécies quanto dos seus gêneros, tipos literários (JANEQUINE, 2011). Assim, pode-se apresentar a hipótese de que o tipo de etnografia distinguida em Nimuendajú é o da *Moderne Ethnologie*, sobretudo aquela que ajustava o trabalho etnográfico à função de salvaguarda política e museológica das expressões culturais de grupos étnicos (WELPER, 2002; 2019). Esta é a proposta de categorização de um dos modos antropológicos de Curt Nimuendajú, principalmente aquele que se manifesta no seu trabalho sobre algumas narrativas integrantes da cosmologia dos Tembé. Considerando que Nimuendajú não pertencia aos círculos acadêmicos, a publicação no *Zeitschrift für Ethnologie* é possível graças às articulações que o antropólogo teuto-brasileiro desenvolveu com a

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Mestranda em Sociologia e Antropologia – PPGSA/UFPA. Especialista em Saberes, Linguagens e Práticas Educacionais na Amazônia – IFPA. Graduada em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia – UFPA. E-mail: glaucia.santos74@hotmail.com

ornitóloga Emília Snethlage e o antropólogo Koch-Grünberg (SANJAD, 2019) e também à sua competente redação, audição inter-linguística e observação de campo – algo que possivelmente sensibilizou o corpo editorial de uma revista acadêmica tão restrita.

Palavras-chave: Curt Nimuendajú. Etnografia. Tembé.

INTRODUÇÃO

Rememorar uma etnografia, que podemos considerar como clássica, demanda uma compreensão contextual que articula o autor, o grupo social e o conteúdo a qual se refere tal produção. Assim, nesse artigo, proponho dialogar uma etnografia publicada no *Zeitschrift für Ethnologie* em 1915, com o título: Sagen der Tembé-Indianer (Pará und Maranhão) – Mitos dos índios Tembé (Pará e Maranhão), de autoria de Curt Nimuendajú. O direcionamento adotado é o de articular uma relação entre esta etnografia com o que se pode reconstruir do fazer etnográfico de um dos personagens que a certo modo ajudou a fundar a antropologia brasileira (LARAIA, 1988), o alemão autodidata Curt Unckel que, após ser batizado pelos Apapocúva-Guarani, torna-se Curt Nimuendajú.

Para tal objetivo, recorro ao início da carreira de Nimuendajú, uma vez que é pertinente entender a construção do ser etnógrafo que está se formatando e que, *a posteriori*, será uma das maiores referências sobre grupos indígenas no Brasil. Nessa direção, torna-se relevante reconhecer Nimuendajú em sentido bibliográfico, ou seja, vida e obra conduzem não apenas conhecer seus direcionamentos de pesquisa, como também as articulações científicas institucionais, o qual esteve vinculado.

Desse modo, assumo nessa investigação uma metodologia de caráter bibliográfico que se alinha ao que pesquisadores (as) vem desenvolvendo na antropologia que diz respeito a *etnografia de documento*, uma proposta que visa entender o fazer etnográfico a partir de vários documentos.

É importante pontuar que o modelo canônico que consolidou a antropologia como disciplina acadêmica no início do século XX foi sem dúvida aquele que conjugou a observação participante e a escrita etnografia, conforme os moldes propostos por Malinowski. Embora a antropologia tenha problematizado ao longo do tempo esse modelo fixo de fazer pesquisa, ainda hoje estamos imersos nesses procedimentos metodológicos em que a pesquisa empírica torna-se o chão do fazer antropológico. Porém, uma indagação se estabelece, ou seja, como fazer pesquisa antropológica onde o campo de investigação são documentos? E quando se entende que esse documento é uma etnografia?

Nessa direção, a perspectiva da etnografia de documento é entendida neste trabalho a partir das reflexões de Olivia Janequine (2011), o qual conclui:

[...] que os fundamentos para uma etnografia dos documentos são os fundamentos de qualquer etnografia: a postura epistemológica e os princípios metodológicos que nos permitam lançar mão das (ou mesmo inventar as) técnicas mais apropriadas para discutir os problemas que nos instigam (JANEQUINE, 2011, 216).

Nessa perspectiva, entendo que entre autor e obra (Curt Nimuendajú e a etnografia - *Mitos dos índios Tembé*), a direção a ser seguida deva começar por contextualizar o início da carreira de Nimuendajú como etnógrafo, pois o resgate de seu fazer etnográfico do início do século XX conjuga rememorar a trajetória desse etnógrafo no que concerne seus primeiros trabalhos, para assim visualizar quais orientações e relações científicas estiveram a ele associados até chegar ao seu vínculo no SPI quando esteve na região do rio Gurupi entre os estados do Pará e Maranhão, situação que o permitiu coligir narrativas míticas Tembé.

Percorrer os caminhos de uma etnografia nesse trabalho é dialogar no tempo a cosmologia de um grupo étnico, pela via de um olhar de fora, de um *outro* permeado por um modo específico de organizar narrativas míticas em forma de texto etnográfico. Nessa direção, dialogo o percurso da etnografia em questão iniciando em Curt Nimuendajú, mediante as suas idiossincrasias de etnógrafo de seu tempo, para na sequência, dialogar com a etnografia sobre a cosmologia Tembé Tenetehara, como modo de compreender o fazer etnográfico de Nimuendajú naquele início do século XX.

CURT UNCKEL NIMUENDAJÚ: UM ETNÓGRAFO EM CONSTRUÇÃO

O alemão Curt Unckel, que chega ao Brasil por volta de 1903, se constituirá ao longo de décadas como um exímio conhecedor de grupos indígenas por meio de suas incursões etnográficas, mesmo sem as devidas instruções acadêmicas, fato este que pode ter levado esse etnógrafo a amargar uma certa invisibilidade na história da antropologia brasileira. E digo isso com a experiência de uma discente que, ao longo de sua formação em antropologia no norte do país, especificamente em Belém do Pará, não ouviu nenhuma menção do nome Curt Unckel Nimuendajú nas aulas de etnologia indígena. Embora ele esteja relegado numa estante empoeirada na história da antropologia brasileira, é pertinente que sua produção se torne conhecida.

As primeiras atividades de Curt Unckel junto a grupos indígenas datam de 1905 no âmbito da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo (CGGSP), a quem diga como ajudante de cozinheiro que acompanhou a exploração do rio Aguapeí contatando grupos como

os Guarani e Kaingang (GRUPIONI, 1988). Segundo Welper (2013,104): “De acordo com a documentação administrativa da CGGSP (basicamente recibos e ofícios de pagamentos), Curt Unkel atuou como “camarada” e “operário” da turma do rio Feio entre 27 de julho e final de outubro de 1905”. De todo modo, a CGGSP foi o meio institucional que possibilitou Curt Unckel conhecer populações indígenas de São Paulo, o qual manteve relações memoráveis, como é o caso dos Apapokúva-Guarani do rio Batalha, que em 1906 lhe concede o nome “Nimuendajú, mediante um ritual de batismo na cerimônia *Nimongaraí*.”

Dessas experiências iniciais, Curt Nimuendajú faz sua primeira publicação no *Deutsche Zeitung*, na edição de 13 de novembro de 1908, com o título *Mais uma vez a questão indígena*. Com tom irônico, seu texto problematiza e marca uma crítica ao artigo *Para a Questão Indígena*, de Walter Fischer e também aos trabalhos de Hemann von Ihering, em que ambos defendem a ideia de que “os selvagens coroados devem ser aniquilados” (NIMUENDAJÚ, 2013, 269).

Já delineando um caráter indigenista em seu texto, Curt Nimuendajú ao criticar o modo como o estado brasileiro lidava com as populações indígenas, propõem novos métodos para as relações interétnicas que, diferente das expedições de extermínio, vê nas expedições de captura uma melhor solução para a questão. De acordo com ele, “a partir do momento da captura dos índios, deve-se protegê-los de qualquer violência, fazendo-lhes entender que não lhes faltará nada e que, passado certo tempo, irão deixá-los novamente livres” (NIMUENDAJÚ, 2013, 272).

Essa publicação pode ter sido para Curt Nimuendajú a porta de entrada ao Museu Paulista, mesmo que tenha direcionado em seu artigo críticas contundentes a Hermann von Ihering, o então diretor do respectivo museu. A respeito disso, Welper relata que:

Seus argumentos eram tão fundamentados, e o seu conhecimento de causa e etnográfico tão evidente, que Ihering passou por cima das diferenças para beneficiar-se das qualidades de seu compatriota, pois menos de seis meses depois da publicação do artigo, ele contratou Nimuendajú como jardineiro do parque do Museu e, logo depois, como “naturalista” para fazer uma expedição etnográfica aos índios Oti-Xavantes de São José dos Campos Novos (WELPER, 2013, 106).

A serviço do Museu Paulista, “Nimuendajú se embrenha, em 1909, no interior do estado de São Paulo à procura de sobreviventes dos Oti e visita os Kaingang, Ofaié e Terena, no oeste de São Paulo e no sul do Mato Grosso” (GRUPIONI, 1988, 174). As informações obtidas dessas viagens contribuíram para a elaboração do mapa publicado na revista do Museu Paulista, como anexo do artigo *A questão do índio no Brasil*, de Hermann von Ihering. Nesse artigo, von Ihering comenta que:

De especial auxílio me foi Sir. Kurt Unckel, amigo entusiasta e bom conhecedor dos Índios, a quem muito agradeço o me ter desenhado o presente mappa. Da sua expedição em serviço do Museu no anno passado, e para o sudoeste do Estado de S. Paulo, provieram novas e importantes informações, que vieram corrigir em parte as anteriores (IHERING, 1911, 139).

Sobre os Oti-Chavantes de Campos Novos, Nimuendajú publica no *Deutsche Zeitung* em 1910 o texto *O fim da Tribo Oti* (2013), em que desenvolve o relato do extermínio desse grupo. A esta publicação, considero ser os primeiros traços de uma etnografia realizada por ele, que recorrendo a uma certa cronologia histórica, descreve o processo de extinção desse grupo. Ainda no *Deutsche Zeitung* nos anos de 1910 e 1911, Curt Nimuendajú assina os artigos: *Quanto à questão Coroado* (texto de teor indigenista com uma carga etnográfica interessante); *Nimongaraí* (onde descreve a cerimônia de seu batismo realizado entre os grupos Apapokúva-Guarani); *Da Fogueira de Acampamento*, e *Os Buscadores do Céu*, sendo esses três últimos textos de um formato mais literário, em que narra a respeito das guerras e também sobre as migrações do grupo Guarani.

Essas primeiras produções de Nimuendajú possibilitam visualizar a formação do ser etnógrafo que emerge da incursão do campo empírico, ou seja, é do convívio com os grupos indígenas e de uma observação sensibilizada que, somado aos debates políticos da época forja uma forma textual que alcança uma dimensão indigenista e etnográfica acerca de grupos étnicos no Brasil do início do século XX.

Como figura agora notável no debate indigenista e, a certo modo inserido em instituições desenvolvendo trabalhos de campo junto a grupos indígenas, Nimuendajú passa a integrar o Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTN), a convite do Marechal Rondon, sendo que:

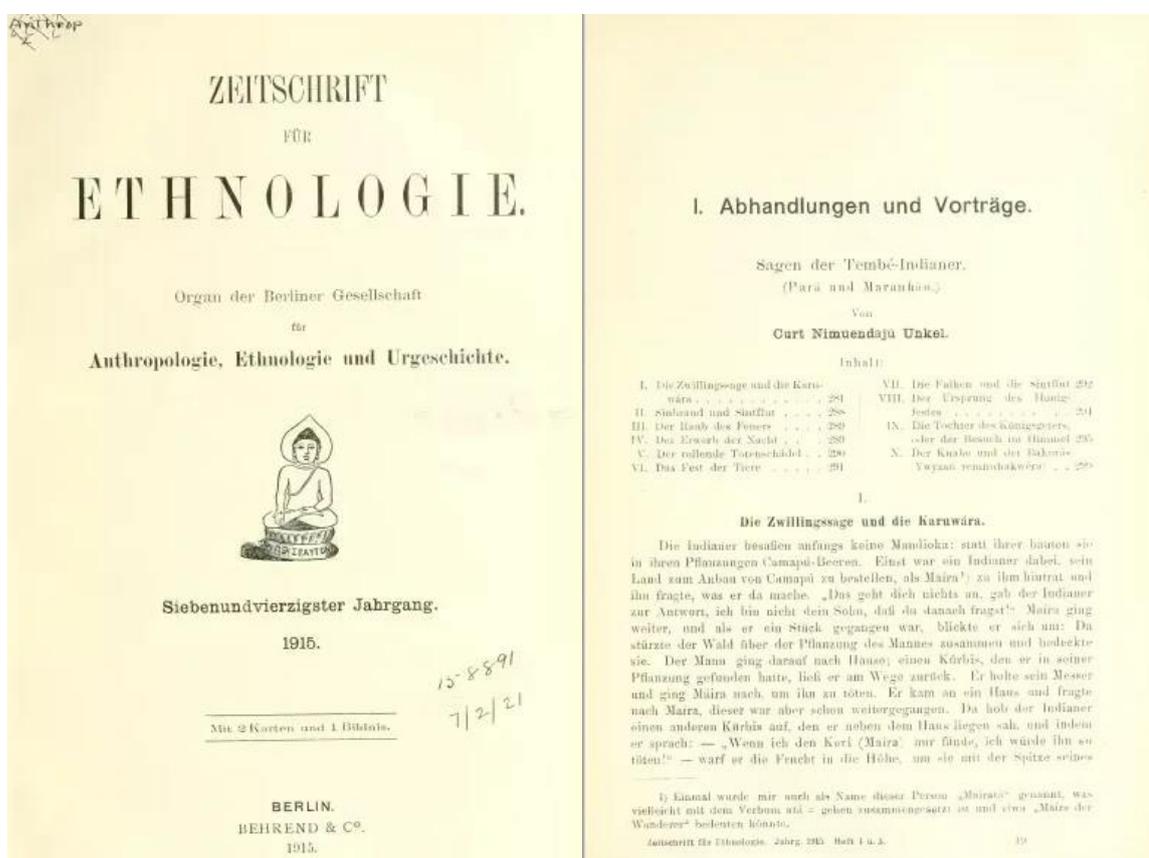
As atividades de Nimuendajú como “auxiliar do sertão” pelo Serviço de Proteção aos Índios começaram provavelmente por volta do final do ano de 1910 e início de 1911, junto aos Guarani do litoral de São Paulo. Depois ele atuou na pacificação dos Kaingang e por fim na concentração das “hordas Guaranis” (Apapocúva, Oguauíva e Tañyguá) na Povoação Indígena do Araribá. Em 1913, seu último ano de residência em São Paulo, Nimuendajú atuou entre os Ofaié, Guarani e Kaiowa do sul de Mato Grosso e entre os Kaingang dos rios Tibagi e Ivaí, no estado do Paraná (WELPER, 2013, 108).

Por volta de 1913, Nimuendajú desloca-se para Belém do Pará (onde será sua residência fixa até sua morte, em 1945) e ainda trabalhando para o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), realiza viagem à região do rio Gurupi (Pará/Maranhão) entre 1914-15, no qual esteve entre os grupos Tembé, Timbira e Urubu. De acordo com Marco Antônio Gonçalves

(1993, 34) dessa viagem, “resultam cinco trabalhos (três publicados em 1914 e dois em 1915, todos em alemão e publicados pela *Zeitschrift für Ethnologie* de Berlim)”. Em 1915, Curt Nimuendajú seria demitido do SPI e novos vínculos e relações irão se estabelecer na capital paraense, como é o caso do Museu Paraense Emílio Goeldi, chegando a ocupar o posto de chefe da Seção Etnográfica desse museu.

Assinalo aqui o ponto de cruzamento da trajetória de Nimuendajú (referente ao início de sua carreira) com o grupo Tembé Tenetehara, pois é da estada com esse grupo que resultou a publicação sobre cosmologia Tembé.

Figura 1: Capa do *Zeitschrift für Ethnologie* de 1915.



Fonte: Biblioteca Digital Curt Nimuendajú. Disponível em: http://etnolingustica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Animuendaju-1915-tembe/nimuendaju_1915_tembe.pdf

O contexto da publicação de Sagen der Tembé-Indianer (Pará und Maranhão) no periódico alemão evidencia não só a expedição de Curt Nimuendajú ao rio Gurupi, como também as articulações institucionais e intelectuais que possibilitaram um etnógrafo autodidata publicar numa revista de etnologia na Alemanha. A esse respeito, Welper (2002) já pontuava em sua dissertação de mestrado que o deslocamento de Nimuendajú para Belém do Pará possibilitou a este “relações com profissionais, exploradores e cientistas europeus que

participavam ativamente da formação do campo etnológico e geográfico internacional” (WELPER, 2002, 58). Dessas relações acadêmicas, é possível pontuar dois nomes que se configuram como peças fundamentais para as publicações de Nimuendajú no *Zeitschrift für Ethnologie*: Emília Snethlage e Theodor Koch-Grünberg, ambos de nacionalidade alemã.

A ornitóloga Emília Snethlage era diretora do Museu Goeldi em 1914, instituição que, provavelmente, teve os primeiros contatos com Nimuendajú. De certo é que a relação entre eles possibilita Nimuendajú alcançar reconhecimento no círculo acadêmico germânico, pois é por meio da publicação em 1914 da monografia *As Lendas da Criação e Destruição do Mundo como Fundamentos da Religião dos Apapocúva-Guarani* na *Zeitschrift für Ethnologie*, que o referido etnólogo passa a ser conhecido. Contudo, a hipótese corrente é que essa publicação só foi possível graças a intermediação de Snethlage (SCHRÖDER, 2015). Tal hipótese foi defendida recentemente por Sanjad (2019), através de uma densa pesquisa documental, no qual confirma que “Snethlage foi, no entanto, fundamental para que Nimuendajú publicasse seus primeiros trabalhos científicos e enveredasse pela etnologia, principalmente, por meio de viagens na Amazônia, da coleta e venda de artefatos indígenas e do contato com museus estrangeiros” (SANJAD, 2019, 3)

Entre esses trabalhos citados por Sanjad, se encontra aquele sobre mitos Tembé, no qual o autor sinaliza que o antropólogo Theodor Koch-Grünberg pode ter ajudado na publicação do texto de Nimuendajú a pedido de Snethlage, a partir da seguinte informação: “Após Snethlage enviar o manuscrito de Nimuendajú sobre os Tembé para Koch-Grünberg para que ele a ajudasse a publicá-lo na *Zeitschrift*, este escreveu sua primeira carta a Nimuendajú, datada de 17 de março de 1915”. (SANJAD, 2019, 11)

Por toda essa trajetória, Curt Nimuendajú alcançou a devida experiência etnográfica, que começa com vínculos institucionais como meio que lhe permitiu adentrar no universo dos grupos indígenas e segue por sua obstinada vontade de estar em campo com os vários grupos indígenas que pode contatar.

NARRATIVAS MÍTICAS TEMBÉ NA ETNOGRAFIA DE NIMUENDAJÚ

As narrativas míticas presentes na etnografia aqui evidenciada, pertencem a etnia Tembé, grupo pertencentes à família linguística Tupi-Guarani, marcados pelo contato com a sociedade ocidental desde os tempos da colonização, período que instituiu de várias formas o controle linguístico e sociocultural desse grupo. Na literatura são chamados de Guajajara e Tembé, porém são originários de um único grupo denominado Tenetehara – termo de autodenominação dessa etnia. Os Guajajara Tenetehara são originários do estado do

Maranhão, na região dos rios Mearim, Grajau e Pindaré. Os Tembé Tenetehara fazem parte do grupo que migrou da região do Pindaré por volta de 1850 para o estado do Pará, mais precisamente aos rios Gurupi, Guamá e Capim (WAGLEY; GALVÃO, 1948, 1961; DINIZ, 2002).

No campo da Etnologia Indígena brasileira os Tenetehara são estudados a partir do século XX. Lopes (2015) ao analisar os Tenetehara nas pesquisas antropológicas destaca os trabalhos de Wagley e Galvão de 1948 que estudaram os Guajajara do Pindaré nos anos de 1942-43 e do antropólogo Mércio Pereira Gomes que realizou sua pesquisa de doutorado na década de 1970 entre os Tenetehara do Maranhão a partir de dados históricos e etnográficos em distintos momentos. Em relação às primeiras pesquisas entre os Tembé Tenetehara, Lopes (2015) considera que:

Para os *Tembé*, todavia, os estudos mais antigos enfatizaram o idioma. O primeiro deles foi conduzido por Nimuendaju (1914), entre os *Tembé* do rio Acará Pequeno; segue-se a este trabalho, os de Hurley (1931), Rice (1934) e Boudin (1978), este último com base nos grupos do alto e médio Gurupi. Nimuendaju, além disso, registrou narrativas míticas *Tembé*, tanto no Pará quanto no Maranhão. (LOPES, 2015, 225).

São essas referidas narrativas o conteúdo da etnografia *Sagen der Tembé-Indianer (Pará und Maranhão)*, que Curt Nimuendajú publicou em alemão no *Zeitschrift für Ethnologie*, e que proponho dialogar para então tentar regatar o modo peculiar do fazer etnográfico desse etnólogo. Sendo assim, para esse trabalho, utilizei a tradução feita pelo antropólogo Herbert Baldus, publicada em 1951 na *Revista de Sociologia*.

Primeiramente, qualifico a supracitada publicação de Nimuendajú com sendo uma etnografia, pois parto do entendimento de que se trata de uma textualização oriunda de uma experiência que envolve dimensões culturais, que nesse caso abriga uma memória étnica que se traduz textualmente.

Dessa experiência com os Tembé, Curt Nimuendajú organizou em sua etnografia dez narrativas míticas que nos faz adentrar no universo cosmológico desse grupo naqueles idos do início do século XX. Os mitos revelam, por exemplo, a percepção dos Tembé sobre formação da humanidade, como é o caso do mito *O incêndio universal e o dilúvio*; assim como a relação com os seres da floresta, como Maíra. Nimuendajú textualiza esses mitos partir de uma linguagem literária narrativa, ao mesmo tempo em que preserva no texto os termos indígenas.

Sendo essa etnografia pertencente à primeira fase dele como etnógrafo e, dada a forma literária que a desenvolve, considero a hipótese de Welper (2013) de “que uma certa literatura

western foi fundamental para a construção da sensibilidade etnográfica deste pesquisador, tendo lhe servido de inspiração desde sua infância na Alemanha” (WELPER 2013, 100).

Ainda sobre as orientações do fazer etnográfico de Curt Nimuendajú, é possível que a etnografia sobre mitos Tembé tenha um direcionamento de salvaguarda da cultura indígena, o que se aproxima da perspectiva da *Moderne Ethnologie*. Defendia-se aqui a ideia que os grupos originários estariam condenados a desaparecer frente à expansão europeia e, desta feita, era de suma importância registrar e salvaguardar a história desses povos (WELPER, 2019).

O texto etnográfico de Curt Nimuendajú sobre os Tembé é relevante na história desse grupo, porque entre a revisão bibliográfica até aqui realizada, é o primeiro que se ocupa sobre o tema da cosmologia dessa etnia. Esse registro das narrativas míticas compõe um importante documento sobre o aspecto cosmológico e cultural dos Tembé, no que se refere ao início do século XX, onde narrativas, narrações e etnologia se encontram e compõe uma parte significativa de percepção desse grupo na história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender o fazer etnográfico de um personagem multifacetado da etnologia indígena brasileira foi a minha intenção nesse trabalho. Ao perseguir uma etnografia referente ao início da carreira de Curt Nimuendajú, foi possível articular a partir de sua vida e obra uma certa reconstrução do seu fazer etnográfico. Percorrer os caminhos da etnografia *Sagen der Tembé-Indianer (Pará und Maranhão)* conjugou conhecer a cosmologia Tembé Tenetehara e, ao mesmo tempo, dimensionar uma parte significativa da história da etnologia indígena brasileira que tem em Curt Nimuendajú sua referência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DINIZ, Edson Soares. Cultural similarities and differences the tenetehara and the sertanejos. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: série antropologia, v. 18, n. 1, p. 113-119, jul. 2002. Disponível em: <http://repositorio.museu-goeldi.br/bitstream/mgoeldi/826/1/B%20MPEG%20Ant%2018%281%29%202002%20Diniz%202.pdf>. Acesso em: 10/07/2020.

- GONÇALVES, Marco Antonio. Apresentação. In NIMUENDAJÚ, Curt; Etnografia e indigenismo: sobre os Kaingang, os Ofaié-Xavante e os índios do Pará. (Org.) Marco Antonio Gonçalves. Campinas. Ed. da UNICAMP, 1993.
- GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. Expedições e coleções vigiadas. Os Etnólogos no Conselho de Fiscalização Artística e Científica no Brasil. Cap. V: O Dossiê Curt Nimuendajú. p. 163-246. Ed. HUCITEC/ ANPOCS. SP. 1998.
- IHERING, Hermann von. “A Questão dos Índios no Brasil”. Revista do Museu Paulista, VIII:112-140. 1911.
- JANEQUINE, Olivia G. Como qualquer etnografia: fundamentos para uma etnografia dos documentos escrito In: *Etnografia, etnografias: ensaios sobre a diversidade do fazer etnográfico antropológico*. FERIANI, Daniela Moreno; CUNHA, Flávia Melo da; DULLEY, Iracema(orgs.). São Paulo/Annablume/Fapesp, 2011.
- LARAIA, Roque. A morte e as mortes de Curt Nimuendajú. Série Antropologia, nº 64. Brasília: UnB. 1988.
- LOPES, Rhuan Carlos dos Santos. Os Tembé/Tenetehara de Santa Maria do Pará: entre representações e diálogos antropológicos. *Illuminuras*, Porto Alegre, v. 16, n. 38, p.219-254, jan./jul. 2015.
- NIMUENDAJÚ, Curt. Sagen der Tembé-Indianer (Pará und Maranhão). *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, vol. 47, p. 281-301, 1915. Disponível em: http://biblio.etnolinguistica.org/localfiles/nimuendaju915tembe/nimuendaju_1915_tembe.pdf. Acesso em: /07/10/2020.
- NIMUENDAJÚ, Curt. Mitos dos índios Tembé do Pará e Maranhão (Tradução: Hebert Baldus). Revista de Sociologia. São Paulo, nº XIII, p. 174-82 e 271-82. 1951.
- NIMUENDAJÚ, Curt Unckel. Mais uma vez a questão indígena. *Tellus*, n 24, jan/jun, Campo Grande. 2013.
- SANJAD, Nelson. Nimuendajú, a senhorita doutora e os ‘etnógrafos berlinenses’: rede de conhecimento e espaços de circulação na configuração da etnologia alemã na Amazônia no início do século XX. *Asclepio Revista de História de la Medicina y de la Ciencia*, nº 71(2), julio-diciembre, 2019.
- SCHRÖDER, Peter. Nimuendajú, os Xipaya e o Anthropos. In: Os índios Xipaya cultura e língua: textos de Nimuendajú. Organização e tradução Peter Schröder. Recife. Editora UFPE, 2015.
- VON IHERING, Hermann. “A Questão dos Índios no Brasil”. Revista do Museu Paulista, VIII:112-140. 1911.

WAGLEY, Charles; GALVÃO, Eduardo. The Tenetehara. In: Handbool of South American Indians, Vol.3: The tropical forest tribes, p. 137-148. Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143 Washington: Government Publishing Office. 1948. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/hsai%3Avol3p137-148/vol3p137-148_tenetehara.pdf. Acesso em: 09/07/2020.

_____. Os índios Tenetehara, uma cultura em transição. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1961.

WELPER, Elena. A aventura etnográfica de Curt Nimuendajú. *Tellus*, ano 13, n. 24, p. 99-120, Campo Grande, jan./jun. 2013.

_____, Elena. Chamado da Selva: Correspondências entre Curt Nimuendajú e Hebert Baldus. Rio de Janeiro: Camera Books, 2019.